

## **Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro**

CESAR EPITÁCIO MAIA

### **Secretaria Municipal de Educação**

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

#### **Subsecretaria**

ROJANE CALIFE JUBRAM DIB

#### **Chefia de Gabinete**

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

#### **Assessoria Especial**

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

#### **Assessoria de Comunicação Social**

LÉA MARIA AARÃO REIS

#### **Assessoria Técnica de Planejamento**

LUIZA DANTAS VAZ

#### **Assessoria Técnica de Integração Educacional**

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

#### **Departamento Geral de Educação**

LENY CORRÊA DATRINO

#### **Departamento Geral de Administração**

LUCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

#### **Departamento Geral de Recursos Humanos**

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

#### **Departamento Geral de Infra-Estrutura**

JOSÉ MAURO DA SILVA

## **Redação final**

ABYLENE SILVEIRA DE OLIVEIRA  
ALEXANDRE HUDSON GÓIS  
MÁRCIA DOS SANTOS GOUVÊA  
MARTA LUCIA DINAPOLI  
SOLANGE DE SOUZA VERGNANO

## **Coordenadora do Grupo de Trabalho**

VÂNIA NUNES MORGADO

## **Agradecimentos**

ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS PELA CESSÃO DAS IMAGENS.  
AOS ALUNOS DO PEJA II PELA CESSÃO DE DEPOIMENTOS.  
À PROF. SONIA DE VARGAS PELA CONSULTORIA E VALIOSA CONTRIBUIÇÃO NO DOCUMENTO PRELIMINAR.  
AOS PROFESSORES QUE PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DO TEXTO, COM SUAS LEITURAS E EXPERIÊNCIAS QUE TANTO ENRIQUECERAM NOSSA CAMINHADA.  
AOS PROFESSORES DO PEJA II QUE CONTRIBUÍRAM NA LEITURA DO DOCUMENTO PRELIMINAR.  
A TODOS OS PROFESSORES QUE ATUAM NO PEJA II, PELA DEDICAÇÃO E ENVOLVIMENTO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA.

## **Créditos Técnicos**

### **Coordenação Técnico-Pedagógica**

LENY CORRÊA DATRINO  
MARILA BRANDÃO WERNECK  
NUVIMAR PALMIERI MANFREDO DA SILVA  
ANTONIO AUGUSTO ALVES MATEUS FILHO  
MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA  
CARLA FARIA PEREIRA

### **Equipe do Programa de Educação de Jovens e Adultos**

CARMEN MARIA SOARES AROZO VIEIRA DA SILVA  
CRISTINA NUNES DE SANT'ANNA  
FLORA PRATA MACHADO (SUPERVISORA)  
JAQUELINE LUZIA DA SILVA  
KATIA REGINA DAS CHAGAS MOURA  
LENITA COTECCHIA BRANDÃO  
MARIA DAS GRAÇAS MEIREIS PEDRA  
MARIA LUIZA ASSUMPÇÃO SILVA  
MARIA LUIZA LIXA DE MENDONÇA  
MARLUCY DOS SANTOS VASCONCELLOS  
MAURICEIA DE SOUZA COSTA

ROSA MARIA PIRES DE FREITAS  
SÔNIA SALGADO MARTINS  
VANDA MARIA DE MATTOS MENDES

### **Equipe de Apoio**

MARILENE MARTINS DE CARVALHO BARBOSA  
SANDRA CONTI PADÃO  
LAILA DE PAIVA PEREIRA

### **Criação de Capa e Projeto Gráfico**

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER  
DALVA MARIA MOREIRA PINTO

### **Fotografia**

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

### **Editoração Eletrônica e Revisão**

PADOX - COMUNICAÇÃO

### **Supervisão e Produção Gráfica**

GRÁFICA POSIGRAF

### **Impressão**

GRÁFICA POSIGRAF

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação:** PEJA II - Linguagens Artísticas. Rio de Janeiro, 2007. (Série A Multieducação na Sala de Aula)

## Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

**E**m 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p. 108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1055 Unidades Escolares, 241 Creches, 20 Pólos de Educação pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública, 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos e o Instituto Helena Antipoff – Referência em Educação Especial, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças que, como alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando, assim, a sua cidadania.

Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na

formação de diversos grupos: Conselho de Dirigentes, Conselho de Diretores, Conselho de Professores, Conselho de Alunos, Conselho de Funcionários, Conselho de Responsáveis, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos. Desta forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo e as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional da cidade do Rio de Janeiro.

A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas séries publicadas: “Temas em Debate” e “A Multieducação na Sala de Aula”.

Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos. Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores das diversas áreas do conhecimento e de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.



Sonia Maria Corrêa Mograbi

Secretária Municipal de Educação

# O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO PEJA

*Os(as) educadores(as) não poderão ignorar, no próximo século, as difíceis questões do multiculturalismo, da raça, da identidade, do poder, do conhecimento, da ética e do trabalho que, na verdade as escolas já estão tendo de enfrentar. Essas questões exercem um papel importante na definição do significado e do propósito da escolarização, no que significa ensinar e na forma como os(as) estudantes devem ser ensinados(as) para viver em um mundo que será amplamente globalizado, high tech e racionalmente diverso que em qualquer outra época da história.*

**Henry Giroux**

Vivemos numa sociedade globalizada caracterizada por grandes transformações mundiais como: a difusão de conhecimentos híbridos, a descoberta de novos materiais e fontes de energia, a explosão do consumo, o poder da mídia e outros processos em curso, que na análise de Santos (1999), são criações que marcam o momento de evolução técnico-científico-informacional. Um mundo que se estrutura em uma configuração de redes de conhecimentos que se espacializam em diferentes espaços/tempos.

Como professores de Linguagens Artísticas, nós percebemos que há um movimento de desencantamento do mundo em que os modelos de ciência, baseados na univocidade da razão, estão sendo fortemente questionados – a busca incessante do progresso, da moral, da justiça, da felicidade humana não se concretizou com o projeto da modernidade e os paradigmas que teorizamos já não dão conta de compreender a complexidade dos fenômenos e processos atuais. Sendo assim, a tentativa de entender esse momento requer uma avaliação constante da nossa visão de mundo, pois experimentamos uma pluralidade dos padrões estéticos, múltiplas narrativas e a relativização do belo como necessidade da existência da Arte.

Nesse contexto, percebemos que o cotidiano tem ainda especificidades pelo reconhecimento e pelo comprometimento com a racionalidade, pois em conflito com esses novos processos observamos algumas tensões, tais como: falta de utopias, afirmação das incertezas, visão paradoxal, promessas não cumpridas,... Estamos diante de *novos tempos*? Isto é, o término do projeto moderno de sociedade com ruptura para a pós-modernidade. Ou experimentamos um processo de continuidade da modernidade, como se fosse ainda necessário buscar rigorosamente a promessa de progresso e de felicidade desse projeto. Seriam *velhos tempos*? Ou presenciamos um movimento de reflexão sobre os limites e as possibilidades da modernidade, num processo de avaliação do que já se percorreu.

No bojo dessa discussão e da complexidade dos processos contemporâneos, acreditamos que o importante não é definir se ocorre ruptura, continuidade ou avaliação do projeto moderno de sociedade, mas sim tentar compreender as mudanças, muitas vezes ainda embrionárias, que observamos nas diversas áreas do conhecimento, em especial, no campo da Arte.

Efland (2004) identifica alguns aspectos significativos do modernismo e do pós-modernismo, demonstrando que a Arte Moderna é exclusiva, pois não é todo objeto que pode reivindicar ser uma obra de arte; nela busca-se o progresso, valorizam-se os estilos realistas, e a diversidade estética pode ser reduzida a um conjunto universal de elementos e princípios. Já na Arte Pós-Modernista as formas de arte eruditas e não eruditas desaparecem, a Arte é vista como produção cultural e por isso deve ser pensada no contexto sócio-cultural em que foi produzida, além de reconhecer as múltiplas narrativas e o pluralismo estilístico.

Esse movimento contemporâneo de ciência nos leva a relativizar, contextualizar e compreender os fenômenos culturais, sociais, educacionais, sem querer controlá-los, tornando-os uniformes pelas suas características mais comuns e regulares. A escola, como sistema de ensino e criação da modernidade é legitimada como o espaço de transmissão do conhecimento científico e que diante dessas transformações deve ser redimensionada.

Atualmente, o debate sobre a educação escolar consiste em um novo olhar sobre a escola, que, certamente, está sendo construído a partir do

diálogo que o campo da Educação tem estabelecido com outras áreas do conhecimento, principalmente com a Antropologia e a Sociologia. A escola passa a ser reconhecida não somente como o *espaço do conhecimento*, mas também como o *espaço da diversidade cultural*.

O ensino de Artes na perspectiva cultural nos leva a pensar a escola como um espaço formador de diferentes identidades e subjetividades. A visão ocidentalizada de educação valorizando uma identidade fixa e unificada é substituída por uma abordagem dinâmica e plural, compreendendo que é na escola que se manifestam os diferentes processos identitários. Como nos mostra Hall (2001), o sujeito não é mais concebido por uma identidade imutável, mas por um processo de construção, desconstrução e reconstrução; o que nos remete ao processo de criação na Arte. É do caos, do desequilíbrio e da provocação que o sujeito se revela como um ser criador.

O ensino de Linguagens Artísticas na Educação de Jovens e Adultos encontra na perspectiva cultural elementos fundamentais que possibilitam trabalhar com a diversidade, a identidade e a diferença, respeitando os saberes desses alunos, valorizando as experiências visuais, sonoras, corporais e cênicas do cotidiano.

Alguns autores como Moreira e Macedo (2001) afirmam que a base da reconstrução das identidades do sujeito pós-moderno está no próprio indivíduo, concebido como um ser formado por estruturas complexas históricas, sociais, econômicas, culturais e, que em diversos contextos, ocupa inúmeras posições de sujeitos, ou seja, apresenta diferentes aspectos identitários que não se unificam em torno de um eu coerente e que se modificam ao longo do tempo.

Aferir as identidades culturais no âmbito da pós-modernidade é um grande desafio, já que a escola, especialmente, não consegue desvencilhar-se do ensino tradicional que fragmenta e hierarquiza o conhecimento, consolidando um currículo comprometido com a universalização ocidentalizada. Esquece-se, pois, de que nesse espaço existem sujeitos com identidades próprias e múltiplas em processo de construção. Portanto, pensar o ensino de Arte a partir da diversidade de saberes encontrada no PEJA é realizar uma prática pedagógica que reconhece a existência de diferentes grupos culturais, com representações sociais distintas e cambiantes. Nesse caminhar o(a) professor(a) de Linguagens Artísticas

deve resgatar discursos silenciados, assim como respeitar e valorizar os saberes desses jovens e adultos.

Assim é necessário questionar: ***como esses diferentes saberes vêm sendo apropriados pelo PEJA em Linguagens Artísticas?*** Diante dos desafios encontrados em relação ao currículo, à metodologia, à organização dos conteúdos por blocos e unidades de progressão, e à unidade das especificidades das diferentes linguagens da Arte, ***como organizar o trabalho em sala de aula dando sentido ao que se ensina?***

# AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO CONTEXTO DO PEJA: DIALOGANDO COM OS PROFESSORES

*Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional.*

**A. M. Barbosa**

Esta citação nos faz refletir sobre o ensino das Linguagens Artísticas na escola, sua função e seus objetivos. O(a) aluno(a) do PEJA traz inquietações sobre o ensino que nos provocam a refletir sobre a nossa práxis, a partir das suas falas:

Eu gosto da aula de Artes porque é interessante e ajuda a descobrir coisas novas.

Cássia Pereira – E. M. Sobral Pinto – E/7ª CRE

Para mim representa mais cultura, criatividade, sensibilidade. É uma aula muito legal.

Maria Nizete Amaral de Almeida - CIEP Graciliano Ramos – E/ 4ª CRE

Ensinar Artes Visuais, Dança, Música e Teatro no contexto de descobertas, prazer, auto-estima, autonomia e respeito às diferenças torna-se um desafio a todo e qualquer professor(a) comprometido(a) com a Educação de Jovens e Adultos. Talvez seja o momento de pensarmos juntos, revisitando um pouco a história do ensino de Artes, buscando seus avanços, sua relevância no contexto escolar e sua expressividade na vida dos nossos alunos. Afinal, auxiliá-los a trilhar seu próprio caminho como cidadão, sentindo-se protagonista de sua trajetória de vida tem sido um objetivo pelo menos instigante. Nesse contexto, desejamos e contribuir para o desenvolvimento de sujeitos reflexivos, críticos e criativos.

Se percorrermos o caminho durante décadas, a partir de Ana Mae Barbosa, veremos que a Arte vem se estabelecendo no contexto escolar como Linguagem, como área de conhecimento com conceitos e teorias específicas que estudam a imagem, os sons, os movimentos e a dramaturgia para ser entendida em sua dimensão estética. Pensar sobre o ensino de Arte nesta perspectiva nos traz algumas questões: ***por que, o que e como ensinar Arte no PEJA?***

Compreendemos que a construção do conhecimento de Arte se dá na experimentação, na decodificação e na informação. Assim, o processo de aprendizagem em Arte somente será efetivado a partir da conscientização e da informação. Barbosa (2002, p.18) demonstra que:

A Arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Martins et all (1998, p.46) enfatizam a idéia do ensino das Linguagens Artísticas como linguagem e como área de conhecimento quando nos diz que:

Pelo poder de síntese da linguagem da Arte, nossa sensibilidade capta uma forma de sentimento que nos nutre simbolicamente, ampliando nosso repertório de significações. Adquirimos um conhecimento daquilo que ainda não sabíamos e, por isso mesmo, transformamos nossa relação sensível com o mundo e as coisas do mundo.

***Que tal pararmos e olharmos ao redor?***

***Percebermos quem está ao lado?***

***Que sons podemos ouvir, ou que objetos podemos ver, ou quais os movimentos necessários para realizarmos os mais simples gestos?***

*Quantos corpos percebemos além do nosso?*

*Será que estamos atentos a tudo isso?*

*Vemos realmente?*

*Ouvimos de fato?*

*Estamos verdadeiramente inseridos nas mais diferentes cenas do nosso cotidiano?*

Somos seres cognitivos e, portanto, construímos conhecimento. Somos seres sociais, pois vivemos em grupo. Somos seres que possuem sentimentos, afetos e sensibilidade; assim, somos seres afetivos e estéticos. Precisamos pensar, então, em instrumentos que nos transformem em seres completos para que nos constituamos enquanto “Sujeitos” de nossa história, cada qual um sujeito sensível, crítico, reflexivo e criativo, que interaja com o seu meio, desenvolvendo e fortalecendo as relações sócio-culturais. Desta forma o sujeito percebe-se como leitor e escritor de textos também visuais, corporais, cênicos e sonoros.

Nesse sentido, precisamos desenvolver o exercício da observação, do olhar e da escuta sensível e pensante. Olhar que envolva *atenção e presença* é um olhar da mente e não apenas dos olhos como veículo de apreensão e percepção do objeto. Martins (1998) demonstra que ver e ouvir constituem o processo da construção do olhar. Sendo assim, é necessário que os nossos sentidos sejam afetados para a significação do conhecimento construído, numa sintonia entre o outro e o eu.

Ao deixarmos fluir a imaginação de nossos alunos do PEJA – intuição e sensibilidade – estamos possibilitando a presença do diálogo entre aluno(a)-obra, aluno(a)-aluno(a) e professor(a)-aluno(a), estabelecendo-se assim o respeito à diversidade de saberes e de culturas. É nesta visão democrática que também se desenvolvem a crítica e autocrítica, assim como, a ética, tão necessária para o desenvolvimento da cidadania.

*Vemos o que nos agrada, o que já sabemos, o que queremos ver; assim é com a escuta. Não ouvimos a fala do outro e sim o que gostaríamos de ouvir.*

Partindo dessas reflexões, percebemos que para a prática do ensino de Arte é necessário mais do que transmissão de conteúdos, informações ou conhecimentos prestabelecidos. Esta prática deve contribuir para

despertar em nosso(a) aluno(a) do PEJA o desejo de aprender, de conhecer, de realizar trocas, numa relação entre a história e o repertório cultural dos sujeitos participantes desse grupo, alunos e professores. Ver e ouvir a partir da percepção, da imaginação e da memória também do outro e não somente a partir das suas verdades.

Nossa visão não é ingênua, ela está comprometida com nosso passado, com nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais. Desse modo, não há o dado absoluto, a verdade, mas múltiplas formas de olhar uma mesma situação. (PILLAR, 2003, p.74).

Numa aula de Artes Visuais onde é proposta a leitura das obras do artista surrealista Salvador Dalí, nós desejamos proporcionar momentos de troca e de diálogos possíveis com o fazer do artista, suas idéias e intenções, técnicas e materiais, além das diferentes percepções existentes na leitura imagética. Reconhecer as falas desse grupo, enriquecido pelas informações contextualizadas e transformadas em conhecimento coletivo, favorece o fazer criativo, a partir desse processo de análise e reflexão mediado pelo(a) professor(a). Como exemplo, os jogos de quebra-cabeça construídos a partir das obras apresentadas que sugerem a dialética entre sonho e realidade, trazendo para a sala de aula a reflexão sobre a proposta surrealista do cotidiano do aluno do PEJA.

No entendimento da existência dos diferentes corpos *sensíveis-pensantes* – visuais, sonoros, cênicos e dançantes, estaremos trabalhando com a diversidade de maneira a respeitar e valorizar as identidades do grupo constituído.

Refletir sobre o lugar que a Arte ocupa na sociedade pode vir a ser um caminho para pensarmos sobre o seu ensino, seus conceitos e sua prática na Educação de Jovens e Adultos. Mais relevante que enumerar conteúdos, talvez seja pensarmos quanto pode ser significativo para a compreensão do seu ensino. Entendemos ser necessário que os conceitos abordados façam sentido e possam estar relacionados ao universo cultural desses alunos.

Nesta perspectiva, acreditamos que a prática pedagógica do ensino das Linguagens Artísticas no PEJA não exista isoladamente e, portanto, esteja

integrada às outras áreas de conhecimento, em que todas as disciplinas possuam objetivos comuns a serem alcançados. Ou seja, tornar esses jovens e adultos produtores de conhecimento e, conseqüentemente, sujeitos participantes de sua própria cultura.

Ao trabalhar com ritmo, a música acaba utilizando conhecimentos matemáticos de uma forma prática na marcação dos tempos e compassos. Ao cantar uma canção, conhecemos outras línguas estabelecendo-se contato com outros povos a partir dos nossos referenciais da Língua Portuguesa. Ao trazer para a sala de aula a abordagem contextualizada de um estilo musical estamos refletindo sobre a história e a produção cultural desse povo, seus hábitos e costumes, assim, falamos de História e Geografia. Ao propor uma pesquisa sobre os mais diferentes sons existentes no cotidiano, buscamos o olhar das Ciências sobre a experiência da criação musical na estética contemporânea. Esta metodologia, fundamentada pela Proposta Triangular, possibilita ao(a) professor(a) de Linguagens Artísticas do PEJA o trabalho interdisciplinar.

Ensinar Arte pode ser mais que ensinar técnicas ou processos automatizados. É trazer para a sala de aula discussões sobre a vida, a sociedade, o mundo, a nossa história, o nosso cotidiano. É relacionar as falas do grupo com as questões acerca do ensino, sua prática e seus conceitos.

Meneghetti (1999) ressalta que no final dos anos de 1980 é desenvolvida pela professora Ana Mae Barbosa uma proposta metodológica para o ensino da Arte, partindo das experiências do Museu de Arte Contemporânea, da USP, durante sua gestão como diretora. Esse trabalho vem coroar o movimento de investigação e revisão das práticas em Arte-educação ocorrido durante a década, através de fóruns de debates e das recém-criadas Associações e Núcleos de arte-educadores, por todo o Brasil. A Proposta Triangular para o ensino das Artes, como ficou conhecida, propõe o ensino pautado em três princípios: *o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização*. Essa metodologia está baseada em questões estéticas e culturais da pós-modernidade e de revisões de movimentos educativos estrangeiros, como as *Escuelas al aire libre*, do México, o *Critical Studies*, da Inglaterra e o *DBAE*, dos Estados Unidos.

É necessário compreender o que significam esses três princípios para entender a aplicabilidade dessa proposta:

- *O fazer artístico* está relacionado ao processo de criação e de experimentação das diferentes linguagens artísticas, suas especificidades, técnicas e ferramentas, que possibilitam uma busca de expressão e de comunicação pessoal;

- *A leitura da obra* de arte possibilita o relacionamento entre os elementos que constituem a obra, a sua materialidade, o seu conteúdo, a sua natureza, seus procedimentos técnicos. É nesse momento que o aluno do PEJA se conecta com o mundo ao seu redor, desenvolve o seu potencial de descoberta do ver, do ouvir, do se mover e da apreciação estética, buscando valorizar as contribuições multiculturais do mundo contemporâneo;

- *A contextualização* consiste na relação entre os diversos saberes estéticos e culturais, nas diferentes épocas, locais e costumes da história humana; no conhecer e pesquisar o processo de criação de artistas famosos ou não, dentro e fora dos espaços de divulgação artística. Essa contextualização possibilita, ainda, a conexão entre as diferentes áreas do conhecimento como a História, a Geografia, a Ciência, a Matemática, dentre outras, ou ainda, como prioridade emergente de nosso tempo, entre a multiplicidade e a velocidade de informações que recebemos diariamente.



CIEP Herivelto Martins – E/9ª CRE

A Proposta Triangular se configura na atualidade como uma metodologia que abre novas possibilidades para a percepção da Arte e da Cultura em nosso mundo, percebendo que a compreensão do nosso presente se dá através da decodificação dos nossos elementos da gramática visual, sonora, tátil, olfativa e corporal que se apresentam diante de nossos sentidos. O transporte do mundo real para o sensível e vice-versa, abre possibilidades para descoberta do sutil, do desenvolvimento da sensibilidade e da compreensão do eu e do outro, envolvidos em um contexto sócio-cultural da vida cotidiana.

Esse caminho reconhece a Arte como Linguagem de expressão e comunicação, de criação consciente e conhecimentos significativos. Linguagem do sensível que estabelece relação com o saber pelos sentidos, pela percepção e pelo prazer. Cabe ao(a) professor(a) mediador(a) a busca constante de práticas de sucesso onde o ensino de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro possam instrumentalizar o(a) aluno(a) do PEJA a conhecer e interpretar o mundo de forma mais humana e solidária.

Os educadores estão começando a entender que somos a porta para compreensão da cultura, da diversidade cultural. Por isso insisto tanto que os componentes do ensino da Arte sejam o fazer, mas também a leitura – a alfabetização cultural que podemos dar ao aluno – e a contextualização, ou seja, o entendimento da arte dentro da cultura geral. O componente realmente socializador é a contextualização. (BARBOSA apud MENEGHETTI, 1999).

Assim, nós educadores devemos conceber os nossos alunos como sujeitos do seu próprio espaço/tempo, com saberes ricos em conteúdos de Linguagens Artísticas que devem ser respeitados e valorizados nas práticas pedagógicas, entendendo as produções culturais escolares:

[...] não como produtos das “oficinas de homens”, meras representações de uma realidade e conhecimento previamente estabelecidos, e sim como um processo constituído a partir de interações sociais e lingüísticas de diferentes sujeitos e diferentes locais. (OLIVEIRA, CANEN e FRANCO, 2000, p.125).

# A DIVERSIDADE DO ENSINO DE ARTE NO PEJA UM OLHAR SOBRE AS DIFERENÇAS

*Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo o que não sei é a minha parte e melhor: é minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha vontade.*

**Clarice Lispector**

Durante a trajetória escolar o(a) aluno(a) do PEJA vem escutando: *Você deve ser o melhor! Você não tem mais idade para cantar e interpretar! Você não sabe desenhar! Você não tem habilidades para as Artes!* Acrescente a isso, pessoas em situações diversas, com desejos, medos, anseios, sonhos e vontades que culminam em vários propósitos como aprender a ler e escrever, descobrir coisas novas, entrar no mercado de trabalho tendo uma profissão, conseguir um certificado e vários outros objetivos movidos por um fator determinante: recuperar um tempo aparentemente perdido, como se pode observar nas falas diárias dos nossos jovens e adultos.

Esses alunos nos mostram como a formação escolar é valorizada na nossa sociedade e como as experiências fora do contexto escolar ainda não são respeitadas como saberes importantes. Cada história de vida nos revela conhecimentos, percepções, afetos, interesses, que constituem o universo multicultural. O(a) nosso(a) aluno(a) grafita, dança, compõe funk, rap, pagode e dramatiza o tempo todo, vivenciando um processo de criação constante. A sua cultura é rica em conteúdo artístico e por isso o ensino de Arte não deve silenciar essas práticas sócio-culturais se limitando aos conteúdos específicos. A abordagem cultural é fundamental no trabalho com as Linguagens Artísticas, redimensionando a prática pedagógica no PEJA. As histórias de vida são ricas em percepções, sensações e identidades culturais, favorecendo a construção do nosso *eu*.

Ao realizarmos a auto-avaliação proporcionamos ao aluno a possibilidade de se constituir sujeito crítico, reflexivo e produtivo com um fazer artístico consciente interagindo com o seu meio.

***Qual seria a história de vida dos nossos alunos? De que forma suas vivências os afetariam? Como podemos trabalhar com esses jovens e adultos em linguagens artísticas?***

Desde os primórdios o homem se comunica através de sons, pela linguagem corporal e pela pintura rupestre, até dominar a palavra pela fala e pela escrita. Independente da evolução ocorrida com a humanidade, a exemplo as pinturas rupestres e as danças primitivas, a comunicação vem a ser o grande aliado do homem para sua sobrevivência. As Linguagens Artísticas vêm contribuir para o crescimento cognitivo e expressivo dos nossos alunos.

Através das Artes Visuais, do Teatro, da Dança e da Música os saberes podem ser trabalhados, pois estas linguagens possuem conhecimentos próprios que permitem alunos e professores se (re)conhecerem como seres criadores com ação e reação quando apresentadas as mais diversas possibilidades de leitura de mundo e, mais especificamente aqui destacada, a leitura de uma obra de arte.

Foi apresentado ao(a) aluno(a) do PEJA a pintura de Jackson Pollock, “LAVANDERMIST”, pintura que retrata toda a espontaneidade do artista em seu processo criativo. Nessa obra Pollock rompe com qualquer convenção temática, derramando tinta sobre a tela estendida no chão, trabalhando através das cores com a ação e não com a imagem definida. Em um primeiro momento perguntaríamos: *essa obra seria entendida pelos alunos do PEJA?*

A pintura de Pollock afeta de diversas maneiras os nossos alunos. Dependendo do encaminhamento do trabalho, a sua tela desperta sensações, emoções e leituras de tons e cores. Acrescentando a proposta de Pollock uma música que também apresente variações rítmicas, como as composições de Vivaldi, solicitamos aos alunos que percebam em seu corpo as sensações de cores e sons, construindo frases corporais sobre o que vêem e sentem e localizando os seus corpos no tempo e no espaço.

Sob a orientação do(a) professor(a) de Linguagens Artísticas, o aluno do PEJA pôde relacionar os movimentos corporais vivenciados com as variações da obra de Pollock e da música de Vivaldi, desenvolvendo dessa forma os seus sentidos, assim como Pollock realizava em seu processo de criação. O(a) aluno(a) acrescentará à leitura realizada durante este processo frases corporais construídas por eles, podendo também inserir palavras (textos) que sejam estimuladas pelo corpo, criadas pelos alunos ou até mesmo sugeridas pelos professores, chegando assim, a uma dramatização.

Observamos que essa atividade permitiu ao aluno/à aluna vivenciar recursos e técnicas das Artes Visuais, da Música, da Dança e do Teatro. Cabe destacar que a leitura da obra de Pollock proporcionou um resgate da história de vida dos participantes, despertando a percepção espacial, o conhecimento das linguagens e da própria obra, além do contato do eu com o outro, como nos sugere a Proposta Triangular.

Através do ensino de Arte podemos estar desenvolvendo um trabalho com nossos jovens e adultos que envolva: a base conceitual específica de cada linguagem, a produção criativa, o saber ser e o convívio com o outro, numa interação de respeito, de afeto e de solidariedade.



Colégio Batista Shepard - II Encontro de Alunos do PEJA – 2006

As Linguagens Artísticas, assim como as demais áreas de conhecimento, poderão despertar o fazer criador na medida em que os afetos são provocados e as possibilidades são trabalhadas. Podendo assim, cada vez mais, nos relacionarmos, lembrando que todo esse processo parte da constituição do Sujeito, sem o qual não seria possível essa relação de troca.

***O que seria esse fazer criador?***

No momento que nos expressamos, possibilitamos transformações no nosso campo emocional, perceptivo e sensorio-motor, que está ligado ao nosso canal criativo. Através da criação o homem se faz presente ao longo da história. Por isso: ***como não aceitar as contribuições das Linguagens Artísticas no desenvolvimento do homem e do seu aprendizado, se estão diretamente ligados à criação? Como não harmonizá-las com o mundo do ser que está repleto de expressividade, principalmente no campo do simbólico?***

O símbolo [...] é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem as problemáticas específicas dos indivíduos. (SILVEIRA, 1981, p.72).

***Será que os(as) alunos(as) do PEJA, não gostariam de experimentar tais vivências e diferenciações através do que realmente os afetam?***

***Quem sabe esses alunos podem encontrar a partir do trabalho desenvolvido com as Linguagens Artísticas subsídios para seus afetos?***

Durante uma aula de Linguagens Artísticas foi trabalhado com a turma do PEJA o exercício de vencer obstáculos colocados no caminho, a partir do deslocamento dos alunos pelo espaço. Esses obstáculos poderiam ser objetos ou pessoas. Às vezes eram inseridas frases relacionadas aos obstáculos, como: *Não vai!*, *Eu vou!*, *Me deixa!* e outras. Nessa atividade, a linguagem verbal e corporal são pontos fortemente ativados nos alunos, podendo ser trabalhadas com o estímulo sonoro e visual através de músicas, ruídos, desenhos, fotos, pinturas, etc.

O desenvolvimento dos alunos no início do exercício, andando pelo espaço aleatoriamente até a sua finalização, foi significativo. A

interferência de obstáculos proporcionou as relações individuais e coletivas com o seu meio, realizando um debate e reflexões sobre o cotidiano.

Foram abordadas várias questões: os objetivos de vida, os problemas a resolver, a vontade de chegar a algum lugar e vários outros questionamentos relacionados à realidade de cada participante; assim como a possibilidade da iniciativa proposta pelo jogo. Esse exercício marcou muito os alunos e, por sua vez, a professora da turma, pois mais tarde essa aula foi citada como exemplo por um aluno que disse ter sido aprovado em um teste profissional, em que precisou demonstrar sua expressividade em uma dinâmica de grupo para manter-se empregado. Assim!

***Por que não trabalharmos o(a) aluno(a) do PEJA para os seus objetivos diários?***

Mediar o ensino de Arte no PEJA é nos colocarmos em processo de escuta do *outro*, é reconhecer a necessidade de socializar saberes, é respeitar e valorizar as diferenças e trabalhar na diversidade.

Sugerimos aos professores de Linguagens Artísticas do PEJA o compromisso ético e estético de transformação. Pensando na formação de sujeitos críticos, participativos e autônomos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M. **A Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

CADERNOS PEDAGÓGICOS [da] Secretaria Municipal de Educação. Rio de Janeiro: Multirio, 2004.

EFLAND, D. A. Cultura, sociedade, arte e educação em um mundo pós-moderno. In: SEMINÁRIO ARTE E COGNIÇÃO: TEORIA DA APRENDIZAGEM PARA UMA ÉPOCA PÓS-MODERNA. São Paulo, 2004.

FREIRE, M. (Org.). **Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FUSARI, M. F. de R. et all. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

HALL, S. A. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. G. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo - poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MENEGHETTI, S. B. Contexto nacional: As principais mudanças políticas e conceituais na visão dos arte-educadores. **Boletim Arte na Escola**, n. 20, 1999. Disponível em: <[http://www.artenaescola.org.br/pesquisa\\_artigos\\_texto.php?//d\\_m=10](http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?//d_m=10)>, Acesso em: 2005.

MOREIRA, A. F. & MACEDO, E. F. Em defesa de uma orientação cultural na formação de professores. In: CANEN, A. & MOREIRA, A. F. B. (Orgs.). **Ênfases e omissões no currículo.** São Paulo: Papirus, 2001.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, R. J.; CANEN, A.; FRANCO, M. Ética, multiculturalismo e educação. Articulação possível? **Revista Brasileira de Educação Espaço Aberto**, n. 13, 2000.

PILLAR, A. D. A educação do olhar no ensino das artes. In: BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTAELLA, L. **A leitura fora do livro**. Disponível em: <<http://www.pucso.br/~cos-puc/epe/mostra/dantaell.htm>>. Acesso em: 2003.

SANTOS, M. Modo de Reprodução Técnico-Científico e Diferenciação Espacial. **Revista Território**, LAGET/ UFRJ, ano 4, n.6, 1999.

SCHILLER, F. **Educação estética do homem numa série de cartas**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SILVEIRA, N. da. **Imagem do inconsciente**. Brasília: Alhambra, 1981.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: Núcleo Curricular Básico**. Rio de Janeiro, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.